



Reflexões sobre as TICs no processo de formação do conhecimento¹

Vera Lucia Spacil RADDATZ²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS - Unijuí

Resumo

Este texto discute as relações entre o processo de aprender e ensinar na interface das tecnologias de informação e comunicação. A idéia é analisar o papel das linguagens contemporâneas na produção do conhecimento. O sujeito é um multívíduo, que diante de um mundo globalizado, não está mais preso a uma identidade fixa, mas conectado com várias culturas. Como vivemos a era da informação digital, as redes virtuais, a mídia e as tecnologias de comunicação são ferramentas muito importantes para a sociabilidade e a troca de conhecimento e podem ser aliadas da educação. Partimos do pressuposto de que os jovens não são apenas receptores de conteúdos, mas atuam como emissores e produtores de conhecimento, o que desenvolve a visão crítica sobre a realidade social e o exercício da cidadania. A aproximação dos campos da comunicação e da educação facilita esse processo.

Palavras-chave: Mídia; tecnologias; comunicação; educação.

Introdução

Quando se trata do mundo contemporâneo, cujos delineamentos da cultura se desenrolam muito em face das tecnologias de comunicação e informação, precisamos pensar até que ponto esse fator diz respeito à relação direta com a produção do conhecimento e como as novas linguagens interagem com esta formação.

Para melhor compreender estes aspectos, ancoramos nosso pensamento em três aspectos: que tipo de cultura predomina na sociedade, como as crianças e os jovens se incluem e se relacionam com ela e por fim, como as novas linguagens influenciam esse processo de formação do conhecimento.

Hoje o cenário é de uma sociedade globalizada cultural e economicamente, em que predomina de forma muito veloz, a evolução tecnológica, a convergência multimídia e a mundialização da cultura. E o sujeito começa a responder aos

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011, Londrina, PR.

² Dra. em Comunicação e Informação; Professora do Curso de Comunicação Social da Unijuí; Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Mídia, Tecnologias e Educação: modos de aprender e ensinar”; e-mail: verar@unijui.edu.br



questionamentos desta nova cultura; tanto o sujeito que está em fase de transição do modelo analógico para o digital, quanto o que já nasceu na cultura digital.

A aceleração dos processos decorrentes deste novo modo de produção, não só permite a liberdade de um maior acesso como também a disponibilidade da informação. Ela está disponível em todos os suportes: rádio, TV, jornal, revista, celular e internet. A instantaneidade com que as informações são atualizadas gera não só o possível conhecimento sobre qualquer tema, mas também um estado de angústia. Os sujeitos têm dificuldade de distinguir o que é mais importante nesse emaranhado de possibilidades, sentem necessidade de consumir esse conjunto de fatos novos, querem saber a respeito de tudo para de certa forma não se sentirem excluídos de algumas circunstâncias e isto produz aquilo que conhecemos como ansiedade de informação.

Essa ansiedade de informação é um sentimento quase unânime em relação ao que os meios informam todos os dias. Na mesma proporção que consumimos uma notícia, rapidamente ela é substituída – atualizada – e produz um mecanismo vicioso que obriga os receptores a renovarem igualmente a sua necessidade de consumo. Isso também se aplica a outras questões como o consumo de bens e produtos. Desejamos tanto um determinado objeto e fazemos um esforço considerável para obtê-lo. Quando isto acontece, imediatamente, passamos a desejar outra coisa.

A mídia cria representações sobre a realidade e nós formulamos conceitos, formamos gostos e emitimos opiniões a partir de um conjunto de representações dado pela mídia e ou mediado por outras instâncias em que estamos inseridos, como a escola ou a universidade, o grupo de amigos, a família, a igreja e a sociedade. Não podemos olhar a mídia como um universo todo poderoso que manipula as informações para alienar os receptores. Esta é uma visão ultrapassada dos meios de comunicação, porque sabemos que o sujeito tem graus de criticidade e as mensagens passam por mediações antes de serem incorporadas por ele.

A instantaneidade, a incerteza, a fragmentação, o imediatismo e a busca incessante de valores são características dessa sociedade, que ao mesmo tempo produz riqueza com facilidade e desigualdade. Tudo se esvai na mesma intensidade com que é produzido. Tempo e espaço são as noções que induzem os novos comportamentos. A identidade não é mais fixa, nem mesmo a idéia do território. Os multívduos, os sujeitos (CANEVACCI, 2005) deste tempo, carregam a pluralidade de sua identidade que agora pode ser considerada desnaturalizada, pois não está fixa ao seu território. Em consonância com a modernidade líquida (BAUMANN, 2001), que está fundada na



produção e no consumo, cujo desejo centra-se tanto na projeção da imagem pessoal do sujeito quanto no seu querer, o multívíduo assimila com facilidade e incorpora as mutações culturais, comunicacionais e lingüísticas e transita fluidamente na existência de seus muitos eus.

Cabe à comunicação, na sua interface com a educação, a tarefa de estudar para melhor compreender esta realidade, ao mesmo tempo em que as transformações vão ocorrendo.

1. Interfaces: mídia e escola

Os primeiros estudos sobre a comunicação de massa, há mais de 50 anos, estavam ligados aos efeitos que a mídia causava nos receptores. Nos anos 30 e 40 a “teoria hipodérmica”, ainda considerava os receptores como sujeitos passivos. Esse modelo está ultrapassado, pois hoje, considerando os estudos de recepção de MARTÍN-BARBERO (1997) sabemos que existem mediações no processo de recepção das mensagens, embora boa parte das pessoas ainda considere a mídia “toda poderosa” e os sujeitos indefesos em relação a ela. Mas é urgente pensar que “o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo” (THOMPSON, 1998, p.13).

Nesse contexto, a escola era um lugar em que a mídia era estudada como um meio de influência negativa e prejudicial à educação de crianças e jovens. Inclusive nos anos 70, quando alguns filmes começaram a entrar na sala de aula com fins educativos, o objetivo era educar contra a televisão, ensinando a escolher bons filmes para o entretenimento. Nos anos 80 e 90, alguns professores começaram a trabalhar com a mídia na escola no aspecto da sua produção.

Hoje, além de produzir jornais em sala de aula ou simular um programa de rádio ou TV, a escola pode ir além, não só educando para a mídia, mas preparando crianças, jovens e adolescentes para compreender e se inserir na sociedade, considerando a convivência com as novas tecnologias de comunicação e informação. Por outro lado, a escola precisa rever as formas de educar, porque os sujeitos do seu foco de ação estão em constante metamorfose, numa velocidade bem maior do que há uma década.

Os sujeitos pós-modernos ou contemporâneos não estão mais presos a engajamentos coletivos limitadores. Buscam o prazer individual e o sucesso pessoal, coexistente com uma autêntica exigência ética estimulada principalmente pelas ameaças



ao meio ambiente, ao estatuto biológico do ser humano e ao contexto econômico, ideológico e político. É preciso compreender o nosso tempo o mais próximo possível da imparcialidade, onde predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima e não mais uma entrega da pessoa a uma causa, a renúncia de si mesmo. Hoje o indivíduo está disposto a dirigir a si mesmo. “Os lugares tradicionais de sociabilidade (trabalho, Igreja, sindicatos, cafés) cedem terreno ao universo privatizado do consumo de objetos, de imagens e de sons” (LIPOVETSKY, 2004, p. 71).

Sem enfatizar qualquer tipo de pessimismo, TOURAINÉ (2006, p. 120), ao definir o sujeito contemporâneo, afirma que “somos continuamente desintegrados, fragmentados e seduzidos, passando de uma situação a outra, de uns estímulos a outros”. Vivemos hoje sob um novo paradigma em que os problemas culturais adquiriram tal importância que o pensamento social organiza-se em torno deles. Um paradigma não é só um instrumento nas mãos da ordem dominante, mas pode representar as vontades dos sujeitos de modo a construir suas formas de defesa, de críticas e de movimentos de libertação.

Como a escola está se preocupando em lidar com a educação desses sujeitos? Qual é o paradigma da escola ao educar e qual é o das crianças em relação a aprender? As tecnologias de comunicação e informação e as concepções que circulam hoje na sociedade indicam um caminho que prevê o diálogo entre as formas de aprender e ensinar. De um lado a escola tradicional, com o ensino formal; de outro a mídia que também propicia algum tipo de formação e de modo tão contundente, que é difícil imaginar uma agenda de conversas em qualquer lugar ou faixa etária sem haver alguma forma de referência às temáticas veiculadas na mídia ou a um determinado comportamento ou representação dela advinda. Consideramos, portanto, que o diálogo e a aproximação entre comunicação e educação seja um passo importante para melhor compreender as mudanças que estão ocorrendo nas formas de aprender e ensinar.

2. Educomunicação: relações entre comunicação e educação

A educomunicação não é a mera junção das palavras comunicação e educação, mas constitui-se de um conjunto de ações e de práticas baseadas justamente na possibilidade de diálogo entre dois discursos que se interpenetram de alguma maneira. A pluralidade dos discursos dessas áreas compreende também discursos de sujeitos que delas fazem parte, como professores, comunicadores, pais, alunos. A educomunicação é um novo campo de intervenção social, porque modifica e analisa as mudanças, faz



pensar, e estabelece novos discursos e práticas. Sugere o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, mesmo que ela nasça de possíveis enfrentamentos em relação ao que pensam os outros dentro de um determinado contexto.

A comunicação para a educação – educomunicação segundo a visão de KAPLUN (1999) compreendia o uso da mídia para educar. A visão mais atual vê os meios de comunicação como formas de mediação para a educação, tanto dentro quanto fora da escola (SOARES, 2000), considerando toda a complexidade que o pensamento abarca.

Desde a década de 90 MORIN (1998, p.176) já indicava a Complexidade do pensamento. Ele considera a Complexidade não “uma receita, uma resposta”, mas um “desafio e motivação para pensar”, salientando a “incompletude do conhecimento humano”. MORIN e MOIGNE (2000, p. 207) afirmam que “o pensamento é capaz de reunir (*complexus*: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto”. Assim, é necessário que a escola reflita as suas práticas, considerando ainda as transformações do mundo contemporâneo e as tecnologias. A Complexidade de Morin vai ao encontro do pensamento de LÉVY (1993 p. 135): “A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos”. O autor acredita que a inteligência se desenvolve quando interagimos com os outros. “Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro”. Levy não considera a técnica em geral boa ou má, neutra ou necessária. Ele acredita que não deve haver oposição entre o homem e a máquina. A técnica está diretamente ligada ao modo do homem conhecer o mundo, representar esse conhecimento e, por meio da linguagem, transmitir essas representações.

Portanto, aprender e ensinar são formas complexas que compreendem a educação, nunca distanciada de um contexto histórico da formação do conhecimento humano, que passa pela linguagem, pela técnica e pelas relações que se estabelece na sociedade, inclusive com a mídia.

O campo da educação utiliza-se normalmente de didáticas para trabalhar os requisitos curriculares, o que exige discernimento do educador em relação ao modo da aplicabilidade, que não pode ser reduzida a um mero conjunto de instrumentos ou práticas de transmissão de conteúdo. Esse ponto de vista vai ao encontro do que pensa CANDAU (1984, p. 30), que acredita que a “didática não poderá ser um apêndice de



orientações mecânicas e tecnológicas, mas sim um modo crítico de desenvolver uma prática educativa”. Para que isto ocorra o autor reforça a importância do papel do educador em conjunto com o educando e os membros dos diversos setores da sociedade.

A interação entre o trabalho do educador e do educando implica uma atividade colaborativa e participativa, excluindo a idéia do exercício do poder pela autoridade que o poder impõe. O ato de aprender e construir o conhecimento deve ser uma ação prazerosa tanto para educador quanto para educando e isso se concretiza à medida que são criadas e respeitadas formas colaborativas entre ambos. Nessas condições são observadas características como desejo de participar e contribuir, curiosidade, disponibilidade para descobrir, respeito à idéia do outro, o que desenvolve a autonomia e o senso crítico. Saber escutar é tão importante nesse processo, como poder falar. A interação se estabelece de forma rápida não só porque a geração de estudantes contemporâneos tem afinidade com as tecnologias, mas principalmente porque acontece concretamente a troca de experiências entre educadores e educandos. Como afirma GHIRARDELLI (2000, p.13): “A verdadeira didática, no meu entender, deve muito à capacidade geral de se dispor para o outro, na troca de olhares e ‘cortejamento’ entre educador e educando”. Trata-se da variável comunicação, no sentido freiriano do termo: um diálogo “dodiscente”.

A comunicação não é um processo linear, uma vez que exige reciprocidade de ação entre emissor e receptor e vice-versa, bem ao sabor da comunicação “dodiscente”. Freire afirma que “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. FREIRE (2002, p. 127-128)

Na direção desse raciocínio as relações entre comunicação e educação se estreitam porque em seus sentidos se completam, numa inclusão das formulações baseadas nas idéias de uma educomunicação, entendida como um novo campo de intervenção pedagógica. Este novo campo epistemológico emergente pode configurar como uma ponte que inaugura um discurso transversal. A base é o diálogo entre a comunicação e a educação, “apoiado em inter-relacionamentos em processos circulares de interpenetração que desloca as duas ciências dos seus metadiscursos e as faz dialogar (LAURITI, p. 36).

O uso da mídia tradicional como a TV, o rádio e o impresso, e das novas mídias como a internet e o aparelho celular, em sala de aula ampliam o conhecimento e ajudam a construí-lo pelo campo da educomunicação. Não se trata de uma utilização como mero



instrumento didático, mas a potencialização de elementos significantes para a produção de sentidos em todos os campos do conhecimento. Abrir espaço para que os educandos e educadores transformem uma sala de internet em motivação e meio de pesquisa em relação ao que está sendo estudado é possibilitar o desenvolvimento de outras habilidades como o senso de responsabilidade, a socialização do conhecimento com outros públicos além daqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Existem ainda algumas dificuldades e limitações em relação ao uso da internet nas escolas como: a internet de banda larga não é um recurso normalmente acessível para todos; a maior parte dos educadores não é vista como uma fonte de conhecimento; os objetos de aprendizagem são difíceis de construir, ocupam muito tempo e exigem atualização e preparo do professor.

A sociedade é mediada pelos meios de comunicação, que funcionam como uma esfera pública que contribui para organizar os acontecimentos contemporâneos, dando-lhes alguma coerência. Esse espaço central de visibilidade é passagem obrigatória dos temas que ultrapassam os limites do pequeno grupo. A mídia contribui para a construção social da realidade.

3. As novas linguagens, os jovens e as formas de aprender

As novas tecnologias de informação e as necessidades do mundo moderno estão impondo à sociedade um novo modo de aprender e construir o conhecimento. Aproximando áreas como comunicação e educação, educadores e estudantes podem descobrir formas interessantes de trabalhar o conhecimento e interagir uns com os outros e o mundo que os cerca. Deste modo estarão mais preparados para produzirem e trocarem conhecimento.

Hoje, 80% dos jovens entre 10 e 24 anos são internautas no Brasil; 90% usam a rede como ferramenta de comunicação e os sites de rede social, como Orkut, MSN e Facebook são a principal ferramenta utilizada pelos jovens. O Facebook é o terceiro no Brasil e o maior do mundo, com 400 milhões de usuários. Segundo dados do Ibope de junho de 2010, o Twitter, o Facebook e Orkut são acessados por 56 milhões de brasileiros que navegam na internet e 87% destes mantêm perfis neste tipo de site. A principal razão é o contato com os amigos, mas um grande número deles já descobriu que esses sites são importantes fontes de geração de negócios, que vão desde a venda de produtos à exposição de currículos, lançamento de marcas ou profissionais. De cunho



viral, ou seja, reproduzem-se rapidamente na rede, chegando a milhares de pessoas rapidamente pelas conexões, com o poder da agilidade de um vírus.

Todos os aspectos da vida social hoje são delineados por transformações de toda ordem, ligadas às tecnologias digitais. As redes sociais na internet representam um campo muito importante no relacionamento entre os multivíduos, sujeitos deste tempo. RICUERO (2009) reconhece as redes sociais como agrupamentos complexos constituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação. Para compreendermos melhor estes sites de redes sociais, observamos que eles apresentam características definidas como buscabilidade, persistência, replicabilidade e audiências invisíveis. Eles sustentam trânsitos de perfis, ou seja, performances construídas que podem ser entendidas como narrativas do eu, ou seja, os perfis são em resumo o que queremos dizer para os outros sobre nós.

As pesquisas com redes sociais indicam que um mesmo ator social pode utilizar diversos sites com diferentes objetivos. Portanto, ferramentas diversas podem ter funções específicas: criar um espaço social, gerar interação social, trocar conhecimento ou gerar autoridade (RICUERO, 2009). Mas o que é mais evidente no comportamento das novas gerações em relação às redes sociais é a intenção de usá-las para promover sua visibilidade social.

O que mais importa é ocupar um espaço social na rede, tornar-se visível e ser reconhecido dentro dele. Quem está *off line* é como se não existisse, portanto, não basta ter um Orkut, Facebook ou Twitter, é preciso estar *on line* o máximo de tempo possível, respeitando a natureza dos sujeitos hipermediáticos. É no espaço hipermediático que as múltiplas identidades se fortalecem e são protagonizadas entre os seus iguais. As comunidades aproximam multivíduos pela marca simbólica que ela representa. Nas comunidades interagem os iguais que são muitos, de diferentes origens, raízes e nacionalidades.

Por meio das redes sociais e da internet, incluindo blogs e *fotologs*, são deflagradas diariamente uma série de ações sociais. Tudo migra para a rede estabelecendo as interconexões de uma vida coletiva e instalando uma nova identidade social, provocada principalmente pelos jovens. Na rede todos são visíveis e conscientes de que este é um território da buscabilidade, uma nova esfera pública por onde transitam idéias, manifestos, sonhos, discussões, informação e muita conversação. A capacidade de transformação e atualização permanentemente contribui para traçar o novo



paradigma da atualidade: a comunicação é digital, baseada na multimedialidade e na interatividade.

Mas que discurso é esse que está na rede e que tanto atrai os jovens? Não é apenas um discurso, mas a possibilidade da pluralidade das vozes e do diálogo entre elas. É o espaço em que não prevalece uma instância de poder organizado, mas convivem formas múltiplas de cada um poder ser o que quiser ser, publicizando ou publicando suas idéias, descobertas e informações. Mas, muito importante também como um lugar de expressão dos afetos, laços sociais, sentimentos e emoções. O que une os frequentadores desse espaço é o novo contrato social, a que MAFFESOLI (2005) se refere como laço social, ao descrever a comunicação na pós-modernidade. Comunicar é, portanto, sair de si mesmo e mergulhar no outro, ir ao encontro do outro, na busca de uma interface, cujo principal objetivo é o prazer de estar-junto e compartilhar o que é comum.

Diante das múltiplas linguagens que se apresentam no mundo contemporâneo, cabe aos educadores repensar as bases epistemológicas e o currículo, bem como a forma de proporcionar o desenvolvimento de competências dos educandos. Comunicação e educação aproximam-se inevitavelmente, compreendendo as mudanças propiciadas pela convergência das mídias, de forma a interferir positivamente na formação do conhecimento.

Se os jovens e as crianças estão impregnados desta nova cultura, o papel dos educadores é converter em aprendizado os elementos disponíveis, tirando proveito das facilidades das novas linguagens, discutindo-as, refletindo sobre elas. Hoje é preciso muito mais do que redigir ou ler bem os textos ou decifrar a lógica dos números, apesar de ainda encontrarmos problemas gravíssimos dessa natureza. Além de dar conta destes aspectos, o educador necessita criar dinâmicas para preparar os cidadãos para a era multimídia e alfabetizá-los digitalmente, pois somos consumidores de tecnologia e informação e a partir das nossas condições e conhecimento podemos determinar o uso das ferramentas.

Um dos fatores que contribui para esse processo de aceleração é a facilidade com que os jovens se apropriam das tecnologias. O que questionamos são as formas dessa apropriação, que acreditamos, precisa ser crítica e acompanhada, de algum modo, por pais e educadores. O que mudou na relação dos jovens e da sociedade com as tecnologias e as mídias é que agora qualquer um pode ser produtor de conhecimento,



informação e cultura, passando do papel de mero receptor para o de emissor. Isso propicia que a sociedade como um todo passe a ser mais crítica.

Desde o advento da web colaborativa – 2.0 – a publicação de conteúdo passou a ter alcance global com custo praticamente zero, o que é fundamental para a socialização do conhecimento. Em seu livro “A estrada do futuro”, Gates (1995) já anunciava a importância das redes no processo educacional. O autor adverte que para extrairmos os benefícios do uso dos computadores e das redes nas salas de aula precisamos encarar a aula de forma diferente. A internet amplia gradativamente a sua presença dentro da escola e modifica o papel do professor que passa a atuar mais como mediador do conhecimento. GATES (1995) acredita que os trabalhos dos alunos e de professores serão transformados em documentos eletrônicos para futuras consultas e compartilhamento com outras culturas.

Qualquer perspectiva de mudança de fato vai se suceder em diferentes níveis e graus de desenvolvimento, dependendo das regiões e das condições econômicas. Mas vai acontecer de qualquer modo. Não há mais como recuar. Isso lembra os primeiros estudos de LÉVY (1993) em torno das tecnologias de inteligência e do mundo virtual. Considerado como visionário por muitos, hoje vemos crescer e aprofundar suas teorias e estudos. LEMOS & LÉVY (2010) discutem agora o fundamento do diálogo, da arte, da política e da ciberdemocracia, centrado na *questão colocada ao outro*, de forma implícita ou explícita. Os autores (2010, p 238) afirmam que “não podemos aprender sem curiosidade, sem questão. A dinâmica dialogante da inteligência coletiva é então interrogativa. E a resposta da questão será sempre uma história, isto é, uma maneira de fazer sentido”.

As formas de aprender e conviver na rede indicam também a necessidade de uma ética nesse diálogo aberto, que consiste em “cada um enriquecer seu mundo integrando os outros como produtores de sentidos autônomos, engendrando assim um mundo comum mais rico” (LEMOS & LÉVY, 2010, p. 239). Os autores afirmam ainda que inteligências diferentes compreendem-se mutuamente, sendo capazes de multiplicarem-se umas nas outras. É nessa direção que caminham as gerações, potenciais de uma Inteligência coletiva e que hoje, mantêm nas redes, além de modos de sociabilidade, formas de aprendizado. A interação é o ponto de partida para o acesso ilimitado às informações que podem se transformar em conhecimento.

A tão discutida interdisciplinaridade pode sair do papel e ganhar forma na interdisciplinaridade colaborativa, redimensionando inclusive os modelos educacionais.



Assim, na reorganização dos espaços de aprendizagem dentro da educação formal é importante que a imagem gráfica, pictórica, televisiva, cinematográfica e digital seja discutida e integrada às metodologias pedagógicas. Os novos cidadãos que estamos formando necessitam saber ler e interpretar o que vêem, e também produzir e se expressar em meio audiovisual e virtual. Para tanto não basta a mera aplicabilidade ou domínio de uma tecnologia, mas uma cultura que ajude a pensar essa tecnologia dentro de um contexto local e glocal. O exercício de utilizar as mídias e as tecnologias como práticas educacionais na sala de aula estimula a formação de uma visão crítica sobre o mundo e a realidade e a inserção social pela cidadania.

Considerações Finais

Os novos paradigmas contemporâneos que caracterizam a sociedade digital, ao mesmo tempo em que impõem determinados comportamentos e ações dentro de uma cultura globalizada permitem que sejamos críticos em relação ao próprio modelo vigente. E isto acontece à medida que a interação e a conexão entre os diferentes sujeitos se estabelecem.

Sabemos que este modelo tanto pode incluir como ser excludente no seu processo de transformação multidimensional. Não somos adeptos da concepção que a tecnologia seja a solução para todos os problemas das organizações sociais, porém, principalmente como educadores, não podemos ser resistentes a ela. Incorporá-la nas dinâmicas pedagógicas, procurando formas de contribuir para o processo de formação do conhecimento, o que é sempre muito complexo, porque o saber é dotado de complexidade, é uma ação já inevitável.

Não existem receitas ou fórmulas prontas para chegar a este propósito, pois o universo da educação exige desprendimento e abertura dos educadores no sentido de preparem-se para poderem buscar as ferramentas necessárias para compreender o contexto em que estão inseridos. Manter como norte o diálogo didático é abrir possibilidades de descobrir o outro e vice-versa, numa relação de interação e respeito por aquilo que não se constrói sozinho: o saber.

O papel das linguagens contemporâneas na produção do conhecimento é de constitui-se como elemento dinamizador e motivador desse processo que inclui a mídia e as tecnologias numa dimensão de serem suporte das informações e dos conteúdos disponíveis, tanto no processo de busca e pesquisa, como de produção.



O educador é sim o mediador que estimula, orienta, questiona e critica. Ele precisa funcionar como um agente ativo e conhecedor das instâncias desse processo e necessita estar preparado para intervir positivamente na condução do trabalho. Saber ouvir e fazer-se ouvir, despertar a voz e a curiosidade do outro, levando-o a realizar descobertas são qualidades indispensáveis desse educador. Ele precisa conhecer, saber e buscar, atualizando-se sempre e compreendendo as adversidades e riscos de participar de uma relação de educação sintonizada com a era digital.

É importante ressaltar que para poder alfabetizar digitalmente, ele precisa dominar determinadas ferramentas, não de modo superficial, mas com caráter bem fundamentado, sendo capaz de posicionar-se e defender seus pontos de vista acerca dos instrumentos, das práticas e das teorias relacionadas a este universo.

As linguagens múltiplas e plurais a que temos acesso diariamente não servem apenas para entreter ou informar. Mesmo sem o propósito de fazer uma educação formal, os meios educam informalmente, tecendo valores, imprimindo conceitos e induzindo comportamentos. A escola não pode apenas contestar o que considera errado ou tentar concorrer com esses meios. A concorrência não é vitória, pois o que ela precisa é estar bem fundamentada para utilizar a mídia e as tecnologias como aliadas no processo de educar, já que as ferramentas estão tão próximas e caem tão bem no gosto e no hábito dos educandos. Educar pode sim, ser um exercício de prazer.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- CANDAU, Vera Maria (Org.). *A didática em questão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GATES, Bill. *A estrada do futuro*. tradução Beth Vieira et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Didática e teorias educacionais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KAPLUN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCAECA-USP/Moderna, n.14, jan./abr.1999.



LAURITI, Nádia C. Ecologia das relações comunicacionais: de paredes... a pontes... In: *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho, v.1, n.1, p. 35-49, dez. 1999.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. *As tecnologias de inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad.: Maria D.Alexandre e Maria Alice Smpaio Dória. 2ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

_____ e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. Trad.: Nurimar Maria Falci. São Paulo. Petrópolis, 2000.

RICUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-USP, n. 19, set./ dez.2000

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.